

OBITUÁRIO DE CÉSAR AUGUSTO GARCIA CANO MSc [ORGANIZADO POR SEBASTIÃO LAROCA PhD (UFPR)]

Preâmbulo

Em fins do ano passado, o Dr. José Ricardo Cure Hakim [meu ex-orientado no Mestrado de Entomologia (UFPR), e atual Diretor da Escuela de Biología Aplicada, da Universidad Militar de Nueva Granada, Colômbia] e eu nos encontramos em Curitiba durante o Natal de 2007 e combinamos fazer uma pequena homenagem ao amigo comum, e meu ex-aluno César Augusto Garcia Cano, que também desenvolveu sua tese de mestrado sob minha coorientação.

Então solicitei ao Dr. MacFadyen (Queensland, Austrália) que escrevesse sobre as experiências que ele e César compartilharam durante a execução de um projeto de biocontrole de *Baccharis halimifolia* (sob os auspícios do Departamento de Terras de Queensland, Austrália) em Curitiba, PR. Esse projeto de intercâmbio, aprovado pelo CNPq, foi defendido com entusiasmo pelo Dr. José Cândido de Mello Carvalho, então Conselheiro do dito Colegiado. Era para ser sediado no Rio Grande do Sul, mas foi desenvolvido aqui em Curitiba, pela abundância e variedade de *Baccharis*, argumento que usei para convencer o meu amigo Paul a aqui sediá-lo. O que foi bom para a Universidade Federal do Paraná, por haver, de certa maneira, influenciado áreas das ciências biológicas, da agronomia e florestas que, na época, ainda estavam impregnadas pelas técnicas de controle químico.

Fiz uma solicitação similar para a Professora Ione Celeste Salomé, com quem César conviveu por 24 anos. Assim, o Dr. Paul MacFadyen e a Profa. Ione Salomé, reuniram um bom número de informações sobre o César Augusto Garcia Cano.

Logo na sua chegada à Curitiba, fui incumbido pelo Curso de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Entomologia), a auxiliá-lo a encontrar moradia e de apresentá-lo aos demais professores e alunos do Curso, o que fiz com prazer. Levei-o também, em meu velho Volkswagen, para

visitar os arredores de Curitiba à procura de um local adequado para que pudesse desenvolver suas pesquisas. E logo nos tornamos amigos. O desenlace dessa amizade, foi que ele convidou-me para ser seu co-orientador em sua Tese de Mestrado. Como também para servir de testemunha, por procuração, de seu casamento na Colômbia com a Senhora Nanci.Bacca Tobar. Era um estudante muito reflexivo e tinha um raciocínio evolucionário admirável, adquirido em parte, pela convivência que tivera na Colômbia, com o casal Eberhard, conhecidos pelos seus inúmeros trabalhos em comportamento e evolução dos himenópteros. Logo após a sua chegada, escolheu o local ideal para a sua pesquisa. Era um quintal abandonado com inúmeros pés de *Schinus terebinthifolius* (Anacardiaceae) em vários estágios de desenvolvimento. O local era no Bairro de Uberaba e ficava nas vizinhanças da casa do cinegrafista e indigenista tcheco radicado em Curitiba, Wladimir Kozak [produtor de um filme sobre os índios Xetás, descobertos na década de 50, e que ainda viviam na idade da pedra lascada, no município de Laranjeiras do Sul, PR]. Ali César realizou coletas periódicas de informações, com as quais fundamentou boa parte de sua tese de mestrado e, certamente, teve a oportunidade de travar diálogo com esta pessoa admirável de origem européia.

Em 1976, enquanto eu estava morando em Lawrence, Kansas (EUA), enviou-me os originais de sua tese para revisão, o que fiz nos intervalos de aulas e de árduo trabalho de campo. Defendeu sua tese [Biologia e aspectos da ecologia e comportamento defensivo comparado de *Liothrips ichini* Hood, 1946 (Thysanoptera, Tubulifera)], perante uma banca presidida pelo seu outro co-orientador, Professor Padre Jesús Santiago Moure, uma vez que ainda me encontrava em Lawrence. Com toda a certeza, a sua tese de mestrado está entre as de melhor qualidade realizadas nesse curso. Entre inúmeras outras coisas, lembro-me que teve grande empolgação quando comprovou experimentalmente a existência de uma substância de função defensiva produzida e utilizada por estes insetos, e quando, através de cruzamentos, descobriu o mecanismo de herança da cloração (alaranjada ou vermelha viva) das ninfas do de *Liothrips ichni*.

Do ponto de vista humano, devo destacar também seu espírito de solidariedade através de um episódio que presenciei enquanto ministrava aula aos alunos de mestrado na Fazenda Experimental da Faculdade de Engenharia Florestal (em companhia do Professor Joaquim da Sena Maia), em Rio Negro, Paraná. Quando um dos seus colegas, James Pizarro, gaúcho de Santa Maria, sentiu uma forte mialgia torácica; com receio de fosse um enfarte, o encaminhamos diretamente para o hospital, onde o

médico determinou o seu internamento por um dia para observação. César se prontificou em permanecer ao lado de seu colega durante este internamento. Fato curioso, se deu, quando o internado se queixou de arritmia cardíaca e César, sem relógio para medir o tempo, prontamente tirava a frequência de seu próprio pulso, colocando os dedos polegar e indicador da sua mão direita no pulso do braço esquerdo e os dedos da mão esquerda no pulso do suposto enfermo, para avaliar a pulsação de seu aflito colega. Depois de certo tempo, César parava, e dizia com seu sotaque castelhano inconfundível: — James calma “su corazón” bate na mesmo ritmo que o “meo”! O que trazia um alívio para a tensão do seu companheiro!

Depois que deixou o curso, quando voltava à Universidade, sempre achava um tempinho para uma tertúlia comigo, onde não faltavam ingredientes filosóficos para se produzir um mundo melhor, uma América-Latina mais justa para se viver! Só o que posso dizer, assumindo também a procuração *ad referendum* do Dr. Zé Ricardo, seu conterrâneo, é SAUDADES DO AMIGO QUE SE FOI!

Sebastião Laroca PhD
slaroca@netpar.com.br

DEPOIMENTO DA PROFESSORA IONE SALOMÉ
[APOSENTADA PELA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ
e SECRETARIA DE RECURSOS HUMANOS DA PREFEITURA DE CURITIBA]
ionesalome19@hotmail.com

César Augusto Garcia Cano, nasceu em Cali (Colômbia) em 7 de janeiro de 1948, filho de José Maria Garcia Casas e de Olga Leonor Cano. Segundo filho de seis. Coursou Biologia em Cali.

No início de 1972, veio para o Brasil para cursar o mestrado em Entomologia, na Universidade Federal do Paraná. Essa decisão foi uma orientação de seus Professores da Universidade Del Vale (Cali), o casal Drs. William e Mary Jane Eberhard, que inclusive fizeram sua matrícula e pagaram a sua passagem aérea de Bogotá a São Paulo.

Nesse mesmo ano, casou-se, por procuração, com a colombiana Nancy. Este relacionamento durou dois anos. Foi sua testemunha de casamento S. Laroca, também por procuração.

Trabalhou, primeiramente, como assistente do Dr. Paul MacFadyen. Em 1978, foi contratado como Biólogo e passou a trabalhar em Londrina (PR), em companhia do pesquisador australiano Clyde H. Wild até final de 1979. Em julho de 1980, passa a residir em Curitiba até julho de 1983,

quando encerra sua pesquisa com o controle de *Baccharis halimifolia*.

No período de julho de 1983 até final de 1986 passa a residir em Campinas (SP), pesquisando os insetos de *Mimosa invisa*. Em Campinas, recebe o Diretor de sua instituição, que o convida a visitar a Sede na Austrália. Um dos insetos por ele pesquisado (*Heteropsylla* sp.) é usado atualmente como agente de controle de *Mimosa invisa*.

Em 1987, muda-se para San Miguel de Tucumán, Argentina, aí permanecendo até o ano de 1993. Regressa, para junto de nossa família, por seis meses a Curitiba, enquanto faz as preparações para novo projeto em Cali (Colômbia). Este período, de retorno a sua terra natal, foi muito difícil em relação ao aspecto pessoal. Em 7 de outubro de 1997, perde seu primogênito, em consequência de uma bala perdida dentro do *campus* da Universidade onde concluíra doutorado. Logo em seguida a nora se suicida. Na sequência, morre na Inglaterra a primeira neta em consequência de um aneurisma cerebral. Um carro com quatro amigos cai de uma ponte e estes morrem dentro do rio. Portanto, neste período enfrentou uma verdadeira tragédia.

Permanece trabalhando até 1997/1998, quando recusa renovação de contrato pois não quer mais estar sozinho após diagnóstico de doença grave, no final de 1995. Entra em outro drama sem par. Doente e sem emprego, retorna à Curitiba para junto da família e em sua propriedade em Pontal do Paraná, por iniciativa própria inicia uma série de experimentos com *Aloe* (babosa), para fins terapêuticos. Do diagnóstico da doença até 28 de março de 2003 nunca apresentou nenhum sintoma. Começou com dor de cabeça intensa (sempre teve enxaqueca) e em 30 de março perdeu a consciência então o levei para o Hospital Vita, aonde permaneceu internado até o dia de seu falecimento em 17 de abril de 2003, às 20 h 15 minutos.

César teve um filho na adolescência que se chamava César Alfonso; Teve ainda: Cícero Augusto Capac Scott Garcia (hoje Engenheiro Civil) Filho de Edith.

De sua união comigo, relacionamento que durou 24 anos, teve: Jana Carolina Salomé Garcia (hoje com 22 anos e Turismóloga) e Diego Augusto Salomé Garcia (hoje com 19 anos vestibulando de Engenharia civil).

O nosso relacionamento teve início em março de 1979 e de maneira um pouco conturbada foi até o dia de sua morte (éramos apenas amigos a partir de seu retorno à Cali). César não sabia ser pai. Em seu raciocínio sócio-biológico, considerava-se amigo dos filhos, pois acreditava que os pais mudam a essência do indivíduo, causando mais prejuízos que

benefícios. Seus quatro filhos foram criados por suas mães, nunca participou da educação ou criação.

Era correto, leal, sincero, muito paciente e ponderado. Só opinava sobre alguém quando solicitado. E viveu sua profissão e vida pessoal com honradez.

Excelente companheiro, quando adoecia e ficava hospitalizada, não arredava o pé. Portanto, a mim deixa além dois filhos maravilhosos, uma imensa saudade e uma grande lacuna.

DEPOIMENTO DO DR. PAUL MACFADYEN

[DEPARTAMENTO DO TESOURO DE QUEENSLAND, AUSTRÁLIA]
pmcfad50@bigpond.net.au

Eu cheguei no Brasil em abril de 1973 (com 27 anos) e fiquei em Curitiba desde de maio para iniciar o projeto de biocontrole de *Baccharis halimifolia* (vassorinha). Conversei com você (refere-se a S. Laroca) e você indicou-me o Biólogo Germano Henrique Rosado Neto para trabalhar como meu Assistente. Germano trabalhou comigo durante um ano e saiu em virtude de ter que assumir a carreira docente na Universidade Federal do Paraná por haver passado em um concurso público naquela Instituição. Eu falei novamente com você e você me indicou César Augusto Garcia Cano para o lugar do Germano. César trabalhou comigo entre maio de 1974 e junho de 1976, quando voltei para a Austrália por haver concluído o meu projeto sobre *Baccharis*. Eu casei em maio 1975 em Trinidad (no Caribe), época em que Cesar assumiu maior responsabilidade no Projeto.

Cesar era colombiano e veio para Curitiba para fazer mestrado na UFPR. No mestrado você (S.L.) foi seu coorientador em sua tese sobre dinâmica de população e comportamento de um thrips (Thysanoptera, Insecta) que causa danos à arroeira (*Schinus terebinthifolius*). Durante o período que César trabalhou comigo como assistente, ele estava no mestrado e eu estava coletando dados para o meu doutorado, o qual eu terminei em dezembro de 1979.

Se eu lembro correctamente, Germano e César, aprenderam a dirigir comigo na Belina Ford vermelha do Departamento de Terras de Queensland que eu comprei no Brasil para o projeto. E o número da placa era AI 6880; foi um bom carro, o primeiro carro que eu dirigi no outro lado de estrada, já que na Austrália, assim como na Inglaterra, o volante dos carros é do lado direito e o carro roda neste lado da rua. César e eu conversamos muito sobre assuntos científicos, filosóficos e existenciais, mas não sobre coisas pessoais. Cesar completou sua tese

em 1976. Então eu consegui um emprego para ele em forma de projeto entomológico, para fazer pesquisas em biocontrole, no mesmo assunto que ele tinha trabalhado comigo, uma vez que ele dominava os testes de especificidade, aprendidos comigo, e que eram requeridos pela minha Instituição de origem. Eu também tinha confiança na inteligência e capacidade dele. Como se sabe, nem todos os cientistas têm capacidade, apesar das qualificações universitários que possuem. Cesar tinha capacidade. Ele foi um bom entomólogo, que a gente pode “trust” (acreditar). Todos na Austrália (no Depto de Terras) ficaram muito satisfeitos com o trabalho dele. Ele foi “o nosso homem” na América do Sul, que mereceu confiança por fazer um bom trabalho — naquele tempo, tínhamos problemas com um entomólogo australiano que não tão capaz como ele.

Não lembro exatamente, mas deve ser lá por cerca de 1978-1980 que ele permaneceu empregado como entomólogo do projecto. Ele continuou durante os anos 1980. Eu sai da Entomologia em dezembro 1986 (para ocupar a Tesouraria Estadual de Queensland) e César continuou como entomólogo empregado do Departamento de terras de Queensland.

Ele trabalhou com biocontrole de *Parthenium* em Tucumán (Argentina). Patrício Hidalgo (entomólogo) de Instituto Miguel Lillo de Tucumán conheceu César durante esta época. César trabalhou na Estação "Alan Fletcher" do Departamento de Terras. O Diretor o trouxe para uma visita à Austrália no início de 1980's, afim de conhecer a Estação de Pesquisas. Nessa ocasião, hospedei ele em minha casa. Eu me lembro claramente — meu filho David estava com cerca de 2-5 anos e gostava correr dentro de casa a noite. César inventou corridas para David mas em espanhol. Cesar dizia “ala uno, ala dois, ala tres” — David entende completamente e começava a correr quando chegava o número tres. Coisas muito simples, eu sei, mas todos em casa ficaram muito felizes, temos saudades deste tempo. Fimilhares do Director (William Haseler) ficaram muito impressionados com César. César gozou umas férias na "Great Barrier Reef" na norte de Queensland. Ele gostou muito de fazer mergulho (“snorkeling”, desculpe a palavra) para observar os recifes (coisa realmente muito bonita, o recife é um outro mundo, já pratiquei isto).

* NOTA DO EDITOR — No início do século passado, ocorreu o clássico problema da explosão populacional de coelhos na Austrália. Depois de muita pesquisa, o Dr. Henrique Aragão, brasileiro, pesquisador do Manguinhos (FIOCRUZ), em cooperação com órgãos governamentais da Austrália, isolou um vírus que causa infecção nos coelhos. Esse vírus, depois de várias tentativas e insucessos, foi finalmente inoculado nos coelhos, utilizando-se os mosquitos como vetores. Este patógeno, isolado pelo Dr. Henrique Aragão, é o responsável pelo controle dos coelhos até hoje. Esta e outras aventuras entre o Brasil e a Austrália são narrados no livro: "Ecologia, princípios e métodos", S. Laroca (1992), Ed. Vozes. Petrópolis.

Durante os 1990's perdi o contacto com Cesar, pois eu deixei a ciência, mas mesmo os demais amigos dele de nossa Instituição disseram que ninguém fez mais contacto com ele.

Quando eu sai do Brasil, César e eu trocamos lembranças. Eu dei a ele um rádio e ele deu-me um poncho preto de Colômbia que ele havia comprado em Bogotá. Ainda o tenho, e uso-o no inverno — é uma lembrança dele.

Depoimento do Dr. José Ricardo Cure Hakim
[Universidad Militar de Nueva Granada]
jrcure@umng.edu.co

No Congresso de Socolen (Colômbia), que foi por convite meu, ele era o mesmo bicho do mato de sempre. Pela sua timidez, sofreu muito para falar. Bebeu toda a água do mundo durante a apresentação e antes dela. Nesse congresso, fez uma conferência muito valiosa, baseada exclusivamente em informação própria, cujo resumo transcrevo abaixo.

Falou sobre o controle biológico de ervas daninhas da Austrália, mediante a utilização de insetos neotropicais. O seu trabalho foi parte de uma segunda fase exploratória australiana, a partir do ano de 1972, que aproveitou-se das experiências exitosas do controle de ervas daninhas a partir de insetos introduzidos das Américas, que havia sido iniciada em 1911*.

O primeiro trabalho desta segunda fase foi no projeto (de Paul Paul MacFadyen) de controle biológico de *Bacharis halimifolia*, espécie para a qual exportaram-se 16 espécies brasileiras de insetos, colhidos sobre diferentes espécies de *Baccharis*. Apenas uma espécie foi selecionada depois dos testes, o cerambicideo *Megacyllene mellyi*, que controlou a planta a pleno sol, mais não em condições de sombra. O Dr. García participou também no projeto de controle de *Chromolaena odorata* (Asteraceae), mediante a introdução na Austrália do Tephritidae cecidógeno *Procecidochares* sp., proveniente do Vale do Magdalena, na Colômbia e da borboleta andina *Actinote antea* (Acraeidae), cujas lagartas tinham comportamento gregário e ocasionavam uma defoliação severa. Esta última, mais que um controlador efetivo, mostrou ser, nos testes realizados antes da sua liberação, favorável à planta. Ao defoliá-la, na estação seca, diminuía a sua transpiração e portanto facilitava sua sobrevivência. Uma segunda espécie do Tephritidae *Procecidochares*, *P. utilis*, mostrou um controle eficaz de uma outra Asteraceae daninha na Austrália, a erva *Eupatorium adenophorum*. Dos desafios importantes enfrentados por César, o controle de *Mimosa invisa* (Leguminosae), foi um dos que mais o entusiasmaram. Esta planta, nativa

da América tropical, constituiu-se numa importante praga de pastagens e canaviais na Austrália. Para o seu controle foram introduzidas três espécies brasileiras: *Scamurius* sp. (Hemiptera: Coreidae), *Psigida waljkerii* (Lepidoptera) e *Heteropsylla spinulosa* (Psyllidae). As duas primeiras espécies não foram liberadas em campo porque atacavam várias espécies de acácias, que são plantas importantes e muito comuns na Austrália. O Psyllidae, entretanto, mostrou-se um bom controlador, exceto quando há chuvas muito abundantes. Além da Austrália este inseto foi levado para Samoa Oriental onde exerce um bom controle de *M. invisa*. César Augusto Garcia Cano foi um naturalista nato. Tinha uma espontânea facilidade para perceber as relações dos insetos com as plantas, no seu contexto ecológico e as suas necessidades nutricionais. Um bom exemplo disto é o do controle de *Salvinia molesta*, que exemplifica a importância de uma boa identificação das espécies. Inicialmente pensou-se que a erva que invadiu a Austrália era *Salvinia auriculata*, a qual teria uma distribuição do norte da Argentina até as ilhas de Trinidad y Tobago, no Caribe. Para o controle da planta tinha sido introduzido o besourinho *Cyrtobagous singularis* de Trinidad. Não houve nenhum tipo de controle na Austrália, apesar de que o inseto podia sobreviver sobre as plantas, o que provocou uma grande frustração dos pesquisadores. Posteriormente, os botânicos perceberam que a planta problema na Austrália era outra espécie, *Salvinia molesta*, restringida à região costeira do Brasil, o que levou a realização de um novo projeto no Brasil. Neste projeto, foi encontrado um besourinho muito parecido ao de Trinidad, o qual foi completamente exitoso no controle na Austrália. A chave do êxito foi a forma de alimentação dos dois besourinhos. Os dois iniciavam a sua alimentação de forma muito parecida. Comem externamente os pecíolos, os brotos foliares e os caules (rizomas) de *Salvinia*, entretanto, o César observou que a espécie brasileira entrava dentro dos rizomas e destruía os nós que davam origem às novas plântulas, e daí o grande êxito no controle das mesmas. Posteriormente, foi determinado que os dois besourinhos são espécies diferentes, sendo a espécie brasileira descrita como *Cyrtobagous salviniae*.

Para finalizar, posso agregar que com a morte do César perdi um interlocutor insubstituível. Ele foi um grande leitor do Borges e lembro que me apresentou um escritor colombiano, desconhecido na época, e que agora é considerado o melhor escritor do momento: William Ospina. A sua curiosidade era muito grande e tudo era interessante para ele.
